

MARCAS DA MEMÓRIA AFETIVA NA FOTOGRAFIA ANALÓGICA: ANÁLISE DA OFICINA “VISTO JAMAIS VISTO”

REBECA FRANCO FONSECA DE FREITAS¹; CLÁUDIA MARIZA MATTOS
BRANDÃO²

¹*Universidade Federal de Pelotas 1 – rebecafrancott@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – clauummattos@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho se debruça sobre a experiência da produção fotográfica na oficina gratuita de fotografia analógica “Visto Jamais Visto”, promovida em Taquari/RS, em janeiro de 2023. O quadro teórico apresenta as relações entre memória e ato fotográfico, baseando-se em Philippe Dubois (2012), enquanto o pensamento de Annateresa Fabris (1998) é utilizado para debater a criação no cotidiano dos fotógrafos. O resumo analisa como essas memórias afetivas se manifestam inventivamente no espaço e no tempo através das aulas, do exercício de olhar para um espaço costumeiro através de diferentes ângulos.

A discussão apresentada está na base do projeto de dissertação desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Artes (CA/UFPel), na linha de Pesquisa Educação em Artes e Processos de Formação Estética. A experiência com a oficina, ministrada pela pesquisadora, e a análise de uma das imagens realizadas mostra-se relevante para o processo da pesquisa em desenvolvimento.

O objetivo geral da proposta era o de instigar diversas perspectivas sobre a própria cidade, através de registros fotográficos realizados por seus moradores, a fim de reforçar a importância da memória afetiva do espaço onde vivem. O município é privilegiado por uma arquitetura açoriana, paisagens naturais e encontra-se a aproximadamente 100km de Porto Alegre/RS. Sendo assim, destaca-se a descentralização das ações com relação à capital do Estado como uma característica relevante da proposta.

A oficina “Visto Jamais Visto” foi financiada através do Fundo de Apoio à Cultura (FAC) do Rio Grande do Sul, por intermédio do Sistema Estadual Unificado de Apoio e Fomento às Atividades Culturais - Pró-cultura RS, com apoio do Instituto Estadual de Artes Visuais (IEAVi). As inscrições priorizaram ações afirmativas destinadas a pessoas negras e trans, estudantes de escolas públicas e idosos com 60 anos ou mais. Vale mencionar que foram fornecidos aos participantes: câmeras, filmes Fuji Superia X-Tra ISO 400, de 36 poses, além de transporte gratuito para as saídas fotográficas, alimentação, revelação, digitalização, impressão e exposição do resultado artístico. Dessa maneira, a proposta facilitou uma prática que atualmente é considerada dispendiosa, por conta de seus valores de mercado. As câmeras e os filmes fotográficos atualmente não têm valores acessíveis para todos, e a quantidade de poses específicas, faz com que os alunos valorizem cada registro.

2. METODOLOGIA

O método utilizado será o de relato de experiência sobre o projeto, sendo possível, dessa forma, pesquisar o processo das aulas de fotografia analógica e o

incentivo aos alunos para a expressão da subjetividade poética através da imagem. A fotografia escolhida para análise foi realizada a partir de práticas pedagógicas que instigaram a sensibilidade do olhar para experiências cotidianas, proporcionando uma relação entre a memória do discente e suas próprias percepções de identidade. Segundo Candau (2012), ao entrar em contato com situações que remetem ao passado, é possível descontar traços de construção pessoais, portanto, a criação fotográfica é também uma experiência de autodescoberta. O participante responsável pelo registro aqui analisado, rememorou sua afetividade selecionando registros feitos por sua avó há décadas em Taquari/RS. Ele pegou fotos da avó para fazer dupla exposição com uma foto atual, deslocando-se até o local onde foi registrada a antiga foto e fez uma nova sobre a que a avó havia feito. Ou seja, utilizando a técnica de dupla exposição, entrelaçou a foto do passado com o registro do presente, refletindo sobre a passagem do tempo.



Figura 1: **Gabriel Bizarro Kersting**, fotografia analógica, Taquari/RS, 2023.

Antes mesmo de Gabriel realizar a sua própria imagem, a fotografia analógica já havia aguçado as suas memórias, uma vez que o registro de sua avó despertou nele recordações acerca de pessoas, espaços, tempos e suas ligações emocionais. Em função do projeto, ele pode recriar poeticamente, ressignificando o passado e o presente, produzindo novas memórias acerca das lembranças. Sendo assim, é possível afirmar que o exercício da linguagem fotográfica externalizou o seu interno psíquico, como um meio de preservar a memória afetiva frente ao esquecimento. Sobre o assunto, Dubois (2012, p. 314) reflete acerca da analogia entre memória e fotografia: “Em suma, essa obsessão que faz de qualquer foto o equivalente visual exato da lembrança. [...] Ou, em outras palavras, nossa memória é feita de fotografias”.

Importante destacar que o surgimento da câmera se deu com a vontade de mimetizar o que é visto pelos olhos humanos. Nesse sentido, na oficina *Visto Jamais Visto*, transgredimos o senso comum, pois a fotografia pode ser compreendida como um meio que conecta cada um ao vivido. Marín-Viadel e Roldán (2012) ressaltam que a fotografia pode representar fatores intrínsecos às condições do fotógrafo e do observador, logo, cada imagem traz consigo significados particulares, estendendo-os a uma multiplicidade de interpretações.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A oficina levou o ensino artístico para uma comunidade que tem dificuldade de acesso à cultura, devido à sua localização geográfica, além da gratuidade das atividades. Ela inspirou novos olhares por meio de conhecimentos técnicos e práticos sobre fotografia analógica a 20 pessoas. No momento das saídas fotográficas as turmas se dividiram em duplas. Cada dupla dividiu um rolo fotográfico com 36 poses, e ao final, após a revelação e digitalização, cada um escolheu três fotos. Os professores foram os responsáveis pela curadoria selecionando uma imagem para ser ampliada e exposta no teatro da cidade. Todas as fotografias agora fazem parte do acervo histórico memorial da prefeitura de Taquari.

Compartilhando a abordagem triangular defendida por Ana Mae Barbosa (2010), que consiste em conjugar teoria, prática e exposição, foi possível inserir na didática educacional da oficina: aulas de história da fotografia e introdução à linguagem, saídas de campo fotográficas e exibição das obras criadas pelos discentes para a comunidade. Ademais, é importante comentar que as fotografias expostas no Theatro São João agora fazem parte do acervo da Prefeitura de Taquari, contribuindo para a preservação da memória histórica comunitária, sob a ótica de olhares impregnados pela singularidade dos criadores.

Sem o intuito de criar uma competição entre a fotografia digital e analógica, os professores tiveram como princípio no projeto ensinar os processos analógicos como um dos primeiros meios de registro fotográfico da sociedade. Relembaram também aos alunos questões estéticas da fotografia contemporânea, como por exemplo, os filtros granulados do Instagram, que querem remeter aos grãos compostos de sais de prata que as películas de filmes analógicos possuem.

Além disso, buscou-se instigar a percepção sensível das diferenças entre as técnicas. O analógico tem uma temporalidade mais lenta em sua feitura, pois precisa de um tempo para revelação, digitalização e impressão. O digital, ao contrário, dispõe de um processo mais ágil e muitas vezes automatizado, através do qual basta-se apontar a câmera e clicar, resultando uma imagem que pode ser vista no mesmo momento.

4. CONCLUSÕES

A matéria fílmica do analógico é orgânica, repleta de vida: tem celulose, gelatina e cristais de sais de prata. A fotografia analógica é feita de subjetividades imanentes sob constante transformação (DUBOIS, 2012). Portanto, a análise da memória afetiva fotográfica produzida por Gabriel Kersting, estabelece uma associação entre a matéria orgânica do filme fotográfico e suas experiências cotidianas, transfiguradas em experiência estética.

O analógico é compatível com a materialidade do corpo humano, expressando subjetividade em sua composição, o que respalda as marcas, traços e outras intervenções na imagem de Gabriel. E é plausível considerar essas reações como uma resposta da natureza orgânica do filme analógico. Bazin (1991) analisa essas marcas emancipatórias em álbuns de família e relaciona também esses rastros como vestígios da passagem do tempo:

Essas sombras cinzentas ou sépias, fantasmagóricas, quase ilegíveis, já deixaram de ser tradicionais retratos de família para se tornarem inquietante presença de vidas paralisadas em suas durações, libertas de

seus destinos, não pelo sortilégio da arte, mas em virtude de uma mecânica impassível; pois a fotografia não cria, como a arte, eternidade, ela embalsama o tempo, simplesmente o subtrai à sua própria corrupção. (BAZIN, 1991, p. 24).

O filme fotográfico é então capaz de materializar a memória e a afetividade de cada criador, imprimindo a imprevisibilidade transgressor e oculta que a imaginação revela na película, portanto, única e corruptível ao tempo. É possível observar também a criação mútua entre o fotógrafo e o caráter inesperado que a fotografia analógica propõe como interferência no resultado revelado. Sendo assim, abre-se a possibilidade de considerar a natureza indomável da vida e do ambiente, que seguirão seu curso mesmo após as ações humanas.

Sobre esse exercício de olhar e fotografar para um espaço conhecido por ângulos diferentes, Fabris (1998) aponta que:

Os fotógrafos não buscam, em suas expedições, lugares inéditos ou desconhecidos. Procuram, ao contrário, reconhecer os lugares já existentes, como visões imaginárias, nas fantasias inconscientes das massas, criando arquétipos-estereótipos que confirmariam uma visão já existente e conformariam a visão das gerações futuras. (FABRIS, 1998, p. 29).

Motivado a olhar para a cidade onde mora, o discente Gabriel optou por produzir imagens que tendem à fabulação do cotidiano. Desse modo, a seleção de lugares e pessoas que aparecem nos registros priorizou uma relação de contato prévio, mas o processo criativo resultou em perspectivas inauditas. Portanto, captar imagens em espaços comuns aos criadores, pode pender à subjetividade de olhares. Vasculhando o gesto variados cantos da cidade e aqueles que ali habitam, examinando as mais diversas facetas de imaginários e memórias na cidade de Taquari/RS.

As reflexões apresentadas neste texto estruturam o projeto de mestrado ora em desenvolvimento no PPGArtes, através do qual procuro aprofundar as discussões, no entendimento da importância de promovermos experiências estéticas nos diferentes âmbitos sociais. A análise de como as memórias afetivas se manifestam criativamente através da fotografia analógica, da pausa contemplativa exigida por essa prática, subsidia os estudos em andamento, na crença de que, frente à velocidade vertiginosa da vida contemporânea, cada vez mais se faz necessário revigorar os vínculos subjetivos com a memória, individual e coletiva.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARBOSA, Ana Mae; Cunha, Fernanda Pereira da (orgs.). **A abordagem triangular no ensino das artes e culturas visuais**. São Paulo: Cortez. 2010.
- BAZIN, André. **Cinema: ensaios**. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2012.
- DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico e outros ensaios**. Tradução Marina Appenzeller - Campinas, SP: Papirus: 2012.
- FABRIS, Annateresa. **Fotografia: usos e funções no século XIX**. 2^a ed. São Paulo: EdUSP, 1998.
- ROLDÁN, Joaquín. Las Metodologías Artísticas de Investigación basadas en la fotografía. In: MARIN-VIADEL, Ricardo; ROLDÁN, Joaquín. **Metodologías artísticas de investigación en educación**. Archidona, España: Aljibe, 2012.